

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

iStock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angéli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof. Me. Marcos Roberto Gregolin – Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembí Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Sullivan Pereira Dantas – Prefeitura Municipal de Fortaleza
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Universidade Estadual do Ceará
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Vagno Batista Ribeiro
Vanessa Alves Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T314 Teologia, política e religião / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Vagno Batista Ribeiro, Vanessa Alves Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-300-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.009211607>

1. Teologia. 2. Religião. 3. Política. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Ribeiro, Vagno Batista (Organizador). III. Pereira, Vanessa Alves (Organizadora). IV. Título.

CDD 215

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores, saudações.

Caros leitores, intercruzar diálogos nas áreas da teologia, política e religião nunca foi tão necessário como nos dias atuais. Essa junção tem influenciado os fatores sociais, políticos e econômicos corroborando para o surgimento de novas reflexões que reverberam nas ciências humanas e sociais aplicadas. A obra 'Teologia, Política e Religião' traz essa relação dialógica materializada em textos produzidos por pesquisadores de vários contextos e instituições do Brasil. O primeiro texto direciona para a exposição da importância da educação e da cultura grega e como tais aspectos propiciam uma influência na formação e expansão do cristianismo; o segundo - visa contribuir para a ética e a metafísica, como também esclarecer alguns aspectos da temática trabalhada para resolução de eventuais dúvidas -; o terceiro - apresenta um estudo de caso das práticas realizadas na Formação Continuada na rede municipal de Vila Velha/ES, referente ao período de 2015 a 2020 no que diz respeito a diversidade religiosa -, o quarto - aborda a maneira de buscar a fidelidade à mensagem de Deus vinculada à necessidade de uma hermenêutica, já presente na própria Bíblia; o quinto - analisa e confronta os textos de 1Cor 11.2-16 e 14.33b-36 e busca os motivos da instrução de Paulo em 1Cor 14.33b-36 -, o sexto - apresenta uma análise objetiva do problema do mal físico como sofrimento no livro de Jó, o sétimo, apresenta a mística do ícone, 'A Trindade do monge russo iconógrafo do século XIV, Andrei Rublev' -; o oitavo - demonstra as prisões e suas diversas formas de provações, tratando de Paulo de Tarso e as diversas prisões as quais podem ser comparadas aos dias atuais -, e, o nono - objetivou recuperar as vozes reprimidas, isto é, a posição da mulher siro-fenícia como uma pessoa criativa e não apenas como vítima, em vista de um pensar teológico fronteiriço, levantando questões sobre o discurso de poder que são controversos e ambíguos-. Acreditamos que essa junção teórica muito tem a contribuir para os estudos e reflexões que perpassam pelas temáticas centrais da Teologia, Política e Religião. Com isso, desejamos a todos uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação
Vagno Batista Ribeiro
Vanessa Alves Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A INFLUÊNCIA DA CONCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO GREGA NA CONSTITUIÇÃO DOS CRISTIANISMOS PRIMITIVOS	
Alex Galhardo Dias	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116071	
CAPÍTULO 2	16
DINÂMICA DO PROCESSO DE CRIAÇÃO E RE-CRIAÇÃO DA REALIDADE	
Cassiano José dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116072	
CAPÍTULO 3	34
ENSINO RELIGIOSO E DIVERSIDADE RELIGIOSA: PERSPECTIVAS NO MUNICÍPIO DE VILA VELHA/ES	
Patrícia da Silva Gouvêa Tostes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116073	
CAPÍTULO 4	41
FIDELIDADE E HERMENÊUTICA DE UMA PALAVRA ENCARNADA	
Jackson Câmara Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116074	
CAPÍTULO 5	48
O COMPORTAMENTO E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA COMUNIDADE EM CORINTO (1COR 11 E 14)	
Marcela de Jesus Dias	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116075	
CAPÍTULO 6	60
O PROBLEMA DO MAL COMO SOFRIMENTO HUMANO NO LIVRO DE JÓ	
Samuel Candido Henrique	
Júlio César Pinheiro do Nascimento	
Leandro Aparecido do Prado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116076	
CAPÍTULO 7	71
O SENTIDO DO ÍCONE NA ORTODOXIA RUSSA E A TRINDADE DE ANDREI RUBLEV	
Wilma Steagall de Tommaso	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116077	
CAPÍTULO 8	84
PAULO DE TARSO E SUAS PALAVRAS DE SALVAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS PRISÕES E DA DIGNIDADE HUMANA EM TEMPOS DE PANDEMIA	
Clodoaldo Moreira dos Santos Junior	

Ana Cristyna Macedo L.S. Bosco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116078>

CAPÍTULO 9..... 99

TEOLOGIA NO CRUZAMENTO DOS ESPAÇOS FRONTEIRIÇOS

Raphael Colvara Pinto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116079>

SOBRE OS ORGANIZADORES 107

ÍNDICE REMISSIVO..... 109

CAPÍTULO 2

DINÂMICA DO PROCESSO DE CRIAÇÃO E RE-CRIAÇÃO DA REALIDADE

Data de aceite: 01/07/2021

Cassiano José dos Santos

Grupo UNINTER

Anchieta – Santa Catarina

<http://lattes.cnpq.br/2358547924797435>

RESUMO: O presente artigo abordará a temática da substância primordial do mundo material e do conceito de vontade, assim como outros conceitos que também serão trabalhados de forma secundária, como dualidade, dialética, espaço e tempo. Os argumentos serão trabalhados separadamente, com resquícios de uns permeados entre uns e outros. Para demonstrar a unidade conceitual do texto como um todo, os mesmos terão estrutura lógica e filosófica, redigidos na norma culta da língua portuguesa. Os objetivos do presente artigo são de contribuir para a ética e a metafísica, como também esclarecer alguns aspectos da temática trabalhada para resolução de eventuais dúvidas. A metodologia se fundamenta a partir de pesquisa bibliográfica, empregada por meio de exposição dissertativa argumentativa em formato acadêmico, cujas fontes de pesquisa para a aquisição de referencial teórico são livros dos autores mais diversos da filosofia, do cabalismo, assim como da Bíblia, que foram interpretados e investigados para servirem de base para as asserções deduzidas ao longo do texto. Os resultados obtidos figuram como ricos materiais para reflexão para quem se interessa pelos assuntos abordados, tanto para

argumentar a favor, como para argumentar contrariamente, porquanto o debate filosófico sadio é sempre fecundo para enriquecer o acervo de conhecimentos da sociedade contemporânea, para auxílio da evolução do gênero humano.

PALAVRAS-CHAVE: Dualidade, vontade, espírito, substância, consciência.

DYNAMICS OF THE REALITY CREATION AND RE-CREATING PROCESS

ABSTRACT: This article will address the theme of the primordial substance of the material world and the concept of will, as well as other concepts that will be also worked in a secondary way, such as duality, dialectics, space and time. The arguments will be worked separately, with remnants of some permeated between them to demonstrate the conceptual unit of the text as a whole. They will have logical and philosophical structure, written in the standard of the Portuguese language. This article goals are to contribute towards the ethics and the metaphysics, in addition to clarifying some aspects of the worked theme to resolve possible doubts. The methodology is based on bibliographical research, employed through argumentative dissertation exposition in an academic format, whose research sources for the theoretical framework acquisition are books by the most diverse authors of philosophy, kabbalism, as well as the Bible, which were interpreted and investigated to serve as a basis for the assertions deduced throughout the text. The results obtained appear as rich materials for reflection for those who are interested in the subjects covered, to argue in favor or against

them. Therefore, the healthy philosophical debate is always fruitful to enrich the body of knowledge of the contemporary society, to aid of the human gender evolution.

KEYWORDS: Duality, will, spirit, substance, awareness.

1 | INTRODUÇÃO

Deus é considerado sob diferentes perspectivas e a reflexão acerca do seu mistério ocorre sob diferentes pontos de vista; esses pontos de vista são tantos que ao conhecê-los, sobrevêm necessariamente um espanto tremendo, e indaga-se com postura perplexa: quem é Deus? Como é Deus? O que é Deus? Onde está Deus? A essas dúvidas inquietantes, no presente artigo, serão lançadas algumas luzes para tentar esclarecê-las, pelo menos até certo ponto, de modo semelhante a um humilde caminhante que tenta se orientar com um lampião no meio da densa escuridão da noite. Os panteístas dizem que Deus é todas as coisas visíveis e invisíveis; os mecanicistas dizem que é uma força cósmica suprema destituída de consciência; os cristãos dizem que é um ser onipresente, onipotente e onisciente que habita no céu e que criou tudo; a filosofia grega clássica diz que é o grande arquiteto do universo, o divino demiurgo, o eterno geômetra que ordena a matéria caótica para criar algo de produtor. Diante de tantas posições contrastantes, como não evitar que uma grande perturbação anímica ocorra interiormente? No entanto, como válvula de escape de tão grande perturbação, é oportuno afirmar que todas essas perspectivas que divergem em tantos aspectos, convergem na asserção de que o Ser de Deus é causa e origem da substância primordial do mundo material e por isso, no estudo do Seu mistério, conseguir-se-á ou pelo menos chegar-se-á perto de conseguir descobrir qual é essa substância primordial, conhecida também como essência.

Além do conceito de essência, também será tratado no presente artigo, os conceitos de espírito, ser, vontade, dualidade, dialética, tempo e espaço. Permeado no debate de praticamente todos esses conceitos, será referido o conceito de evolução, para demonstrar que esse fenômeno está presente nos mais diversos eventos da criação e assim, trabalhar-lo sob uma perspectiva holística, porém, um tanto secundária. A realização do debate acerca desses conceitos se realizará sob uma perspectiva ética e metafísica, onde prevalecerá a crença em Deus e na veracidade das sagradas escrituras, que serão citadas em várias passagens, para figurarem como um corolário da dissertação como um todo.

A metodologia empregada na elaboração do texto foi dissertativa argumentativa, ancorada na pesquisa bibliográfica de livros e artigos que trabalham a temática abordada, procedendo com a análise e investigação de textos filosóficos e de textos das sagradas escrituras, a partir dos quais se fez deduções lógicas e asserções que dos mesmos se seguem, com a finalidade de prosseguir na construção do conhecimento metafísico e auxílio ao entendimento dos mistérios de Deus, da consciência e da natureza humana.

21 SOLILÓQUIOS E ARGUMENTAÇÕES METAFÍSICAS

No final do Sermão da Montanha, Cristo exorta seus fiéis, para que “sejam perfeitos como é perfeito o pai de vocês que está no céu” (A BÍBLIA, 1999, p.1244). Do epíteto “perfeito” que Jesus atribui à Deus Pai, pode-se também inferir o epíteto de pureza e assim, afirmar que Deus é o ser mais puro que existe e que a purificação ocorre na aproximação com Ele; então disso é lógico inferir que quanto mais próximo se estiver Dele, mais pureza se obterá. Os orientais defendem que Deus reside no interior do ser humano, onde se localiza seu Eu superior e que a purificação ocorre, portanto, na introspecção ou meditação, que o faz ir de encontro a esse Eu superior, perspectiva essa, a que Raul Seixas faz uma feliz referência na música Gitá, na passagem em que ele diz:

“Você me tem todo dia
Mas não sabe se é bom ou ruim
Mas saiba que eu estou em você
Mas você não está em mim” (SEIXAS).

O conceito ocidental correspondente a esse conceito oriental de Eu superior, é o conceito de espírito, que ao longo da história têm sido desastrosamente, confundido com o conceito de alma. A alma, com efeito, é o sínolo aristotélico, o espírito é a forma peripatética e o corpo a matéria. Seguindo com o pensamento do Estagirita, pode-se reproduzir aqui as suas asserções de que, a matéria é Ser contingente em sentido muito impróprio, o sínolo é Ser contingente em sentido mais próprio e a forma é o Ser necessário propriamente dito, donde provém a causa e a finalidade da matéria informe, que se torna informada por uma forma determinada quando atualizada a potência latente que há nela (REALE, 2003).

Os estoicos também contribuíram significativamente para a metafísica com o conceito de “*oikéiosis* (apropriação, atração = *conciliatio*)” (REALE, 2003, p. 289). Com esse conceito eles investigaram e esclareceram um grande problema metafísico que diz respeito à questão de o Ser ser algo que se constrói. Essa perspectiva foi abordada de modo muito feliz por São Paulo na primeira carta aos Coríntios, na passagem em que se lê: “‘tudo me é permitido’. Mas nem tudo me convém. ‘Tudo é permitido’. Mas nem tudo edifica. Ninguém procure satisfazer aos seus próprios interesses, mas os do próximo” (A BÍBLIA, 1999, p.1470). Este trecho bíblico de fato, é de uma sabedoria sublime, pois no termo “edifica”, está a *oikeiósisis* dos estoicos e na última afirmação está contida a ideia de aderir ao altruísmo e rejeitar o egoísmo, pois o primeiro edifica e o segundo não, embora tratem do mesmo gênero de coisas, sendo, portanto, um a antítese do outro. Os estoicos tem a sua ética e a sua metafísica fundamentada na *oikeiósisis* e o cristianismo se apropriou desse conceito ou o formulou com a mesma ideia e terminologias diferentes, mas o resultado foi o mesmo, ou seja, o bem é aquilo que apropria e edifica e o mal é aquilo que destrói e danifica; podemos definir o primeiro como sendo as virtudes e o segundo os vícios. Observa-se que no presente parágrafo estão contidas muitas ideias cujo oposto é

ênfatisado de modo evidente, e isso é feito de modo deliberado para ressaltar o caráter dualista das leis naturais, divinas e humanas, entes, substâncias e seres em geral para, por sua vez, destacar a importância e a universalidade do axioma hermético: “Em cima como embaixo; no céu como na Terra” (BLAVÁTSKI).

Com efeito, esse axioma hermético representa a principal das dualidades, que foi magistralmente definida por Platão em *Mundo Inteligível* e *Mundo Sensível*, sendo este, uma representação imperfeita daquele. Ideia similar a essa platônica, podemos encontrar na tradição cabalista, que procura “explicar o mistério do mundo como reflexo do mistério da vida divina” (CAMPANI, 2011, p. 04).

Os dois extremos de cada dualismo dizem respeito a uma mesma substância, cujos polos opostos são nomeados com a finalidade de um representar a antítese do outro, o que denota uma diferença em grau, mas uma semelhança em natureza. Encontram-se na natureza e na literatura inúmeros exemplos que corroboram esse argumento, tais como as asserções de Thomas Hobbes sobre certas paixões humanas no capítulo I do *Leviatã*, quando ele diz que o desejo é uma paixão de aproximação e a aversão é uma paixão de afastamento, da mesma forma que o amor é a presença da coisa amada e o desejo é a ausência da coisa amada, enquanto que o ódio é a presença da coisa odiada e a aversão é a ausência da coisa odiada (HOBBS).

O termo aproximação e o termo afastamento podem ser entendidos em certas situações, respectivamente como sendo união e separação pois, é certo dizer que o desejo de coisas boas conduz à união e aversão a coisas boas ou ruins conduz à separação. Seguindo uma linha de raciocínio por assim dizer semelhante à de Thomas Hobbes no parágrafo anterior, pode-se citar outras dualidades similares àquelas citadas, tais como luz e trevas, verdade e mentira, eterno e passageiro, ordem e caos, paz e violência e perfeição e perversão.

O que se pode encontrar em comum em todas estas dualidades é que em um extremo encontra-se a plenitude de algo e no outro extremo encontra-se a falta de algo. De fato, na dualidade do eterno e do passageiro, encontra-se a plenitude do tempo no extremo do eterno e no extremo do passageiro, encontra-se descontinuidade e irregularidade de tempo; na dualidade da ordem e do caos encontra-se a plenitude da organização no extremo da ordem e no extremo do caos encontra-se uma organização imperfeita.

Ademais, ao utilizar o termo “imperfeita”, faz-se referência a outra dualidade, que é a da perfeição e perversão, ou perfeição e imperfeição. Ao substantivo “perfeição”, corresponde o adjetivo perfeito, que, pode-se definir como algo feito até o final, enquanto que o inverso do adjetivo “perfeito” é imperfeito ou ainda, defeito, que se pode definir como algo que não foi feito até o final.

Ao usar o termo final, para designar algo que seja inclinado para a perfeição, faz-se referência ao *Télos* aristotélico, que vincula a ideia de fim com a ideia de potência e ato, causa e efeito, que por sua vez, são outras dualidades dignas de estudo. De fato, observa-

se que a perfeição se encontra naquilo cuja potência foi atualizada, ou seja, convertida em ato, ou ainda, naquilo cuja finalidade foi realizada.

No caso da dualidade de causa e efeito, ocorre o mesmo que nas outras dualidades, ou seja, não há diferença de natureza entre um extremo e outro, e sim, apenas diferença em grau, pois toda potência já contém em si mesma total capacidade para se converter em ato, assim como a mais pequena semente já contém no seu código genético todas as informações necessárias para se tornar uma árvore adulta, mesmo a semente cuja potência não se atualize, pois são muitas as sementes que levam dentro de si uma árvore e que nunca chegam a formá-la, sem que por isso percam seu potencial de existência, sejam quais forem os processos de transformação orgânica pelos quais passarão (ROSENROTH, p. 22).

Nos escritos cabalistas também encontramos referências consistentes ao tema das dualidades, como no trecho que se segue do Sêfer Yetsirá, em que é enfatizado, além do caráter dual das leis universais, a relação dual entre o macrocosmo e o microcosmo associado a um certo estado de consciência do ser humano quando submetido a processos introspectivos:

“em meditação profunda a mente unifica-se e, como diz Maimônides, ‘o intelecto, o qual compreende, e o que é compreendido, são o mesmo, quando quer que uma real compreensão ocorra’. Esse estado é referenciado no verso 1:7 quando ele diz que ‘seu fim está embutido em seu princípio e seu princípio em seu fim’” (CAMPANI, 2011, p. 73).

Na figura I, observa-se uma hiperesfera infinita, que descreve o movimento circular das substâncias ou leis universais que analisamos ao examinarmos cada dualidade. No princípio do movimento de uma determinada substância, essa substância descreve um movimento retilíneo, no entanto, diferentes seres fazem uso dessa substância de forma contrária, o que a faz deslocar-se em sentidos opostos, entretanto, como está ilustrado na figura, os extremos de cada reta se encontram em um ponto indeterminado pela inteligência humana no tempo e no espaço, desde que os mesmos se inclinem do seu caminho em completa antítese de um com relação ao outro. Por exemplo, no caso do tempo, certos seres priorizam as coisas eternas e outros seres priorizam coisas passageiras, o que faz a substância do tempo deslocar-se em direções opostas, no entanto, como todas as coisas tendem para a união e para a perfeição, as coisas passageiras um dia se tornarão eternas por meio de uma conciliação com essas coisas eternas, pois aquelas, necessariamente se sentirão atraídas para estas, devido a superioridade das coisas eternas, que faz com que as coisas passageiras se sintam inclinadas a se tornarem iguais às coisas eternas, não somente em natureza, mas também em grau; no momento em que isso se realizar, se verificará a plenitude do tempo em sua totalidade mais absoluta, sua potência atualizada no grau mais perfeito e os arcos do eterno e do passageiro unidos e conciliados no círculo que lhes cabe dentro da hiperesfera infinita.

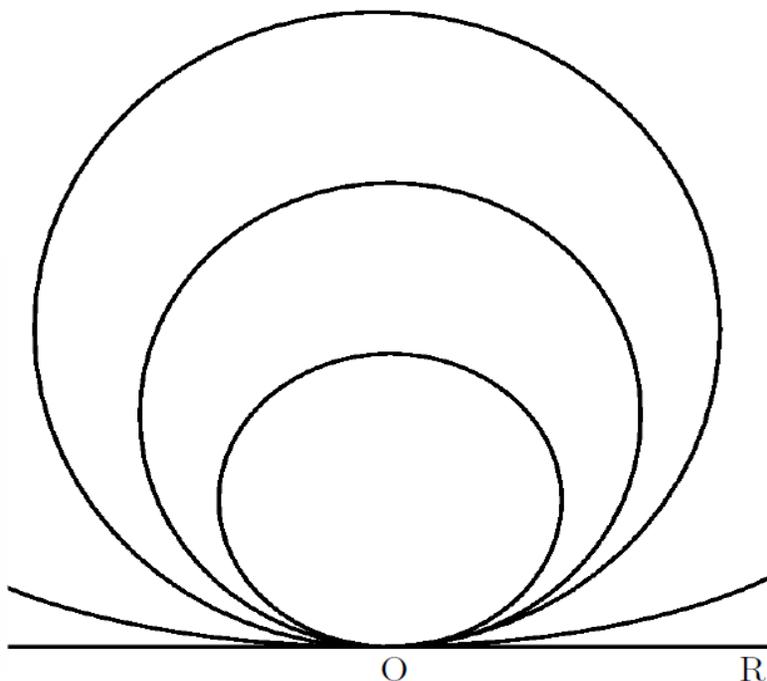


Figura I: hipersfera infinita.

Observa-se três círculos, um círculo incompleto, e uma reta. Os três círculos perfeitos representam as substâncias cujos polos opostos já se encontraram e se conciliaram. O círculo incompleto é apresentado dessa forma, pois os arcos dos polos da substância que a ele corresponde ainda não se uniram para formar o círculo que lhes cabe dentro da hipersfera infinita. A reta representa uma substância em que um extremo ainda está em completa antítese em relação ao outro extremo da dualidade correspondente a essa substância.

É preciso também ressaltar a relevância do caráter dialético dos mais diversos seres e leis universais, pois o corolário, por assim dizer, da tese e da antítese é a síntese, corolário esse que frequentemente resolve conflitos entre um extremo e outro da dualidade correspondente a um determinado ser ou lei universal. Referências consistentes a essa questão, podemos encontrar em diversas fontes, como em Hegel e no cabalismo, que foi muito influenciado por Hegel, como pode-se verificar na seguinte passagem da edição revisada e ampliada do Sêfer Yetsirá de Carlos Campani, na qual ele diz que a “relação dialética entre elementos opostos e um mediador é que caracteriza a manifestação divina e é a origem de toda a criação” (CAMPANI, 2011, p. 112). Nesta passagem, o autor argumenta que o terceiro elemento de cada tríade dialética é o elemento “mediador”, em outras palavras, conciliador, sintetizador, método esse, que será utilizado no presente artigo também, ou seja, o terceiro elemento de cada tríade dialética será a síntese.

No cabalismo, certas tríades dialéticas são usadas para explicar as “expressões da ação de Deus” (KAPLAN, p. 117). Algumas dessas tríades serão citadas ao longo do texto para expressar a dinâmica do comportamento dos seres e das leis universais. A primeira tríade a ser citada é a da sabedoria, inteligência e conhecimento, que foram as primeiras emanações de Deus e a próxima tríade é a misericórdia, justiça e beleza (ou paz), que foram as emanações seguintes. O elemento conciliador da tríade dialética tem a função de, não só apresentar o produto do embate entre a tese e a antítese, mas também de fornecer meios que farão os polos opostos da dualidade trazerem à tona a tendência de ambos se inclinarem e se converterem do seu caminho extremado, que faz um polo ficar em completa oposição em relação ao outro e assim, fazer com que ambos se conciliem e se unam de modo a formar uma unidade em que os dois polos tem igual importância, como num círculo formado por dois arcos de tamanhos iguais ou “duas mãos coladas em uma mesma oração” (SEIXAS).

Na tradição cabalística, assim como no pensamento grego clássico e no pensamento cristão, está presente a tríade dialética de instinto, mente e coração. No pensamento grego clássico, essa tríade é descrita por Platão como sendo a apetitiva, a irascível e a racional, em que deveria prevalecer a parte racional. Santo Agostinho se apropria dessa ideia Platônica e a traduz para termos cristãos, o que resultou na tríade de unidade da vida, unidade da inteligência e unidade da essência, mas diverge de Platão quanto à parte da alma a qual nós, seres humanos, devemos priorizar, pois segundo ele, devemos nos voltar, não para o intelecto ao fazer nossas escolhas e tomar nossas decisões, e sim para a unidade da essência, que corresponde, na terminologia contemporânea, ao coração, pois segundo ele, é no coração em que reside a temperança, que é o sentimento que modera a permissividade excessiva do instinto e controla o rigor inflexível da razão (AGOSTINHO, 2007). O cabalismo nesse sentido, concorda com o argumento de Santo Agostinho e com ele, diverge de Platão, pois, por exemplo, a justiça com sua severidade é predominantemente racional e a misericórdia com sua brandura, é predominantemente instintiva, no entanto, nenhuma das duas, quando exacerbadas são corretas, mas a sua justa medida convertida na paz é a mais preferível moralmente.

Uma objeção que pode ser feita a respeito desse argumento é: por que é necessário que haja um elemento mediador para inclinar os extremos opostos a se conciliarem? A resposta mais plausível que nos é fornecida a partir da razão, da experiência e da reflexão sobre temas correlatos é de que se a natureza tivesse que esperar a iniciativa de cada antagonismo se inclinar por conta própria do seu caminho em completa oposição em relação ao caminho do antagonismo oposto, isso levaria um tempo demasiado grande para a conciliação dos dois extremos de cada ente ou lei universal, isso por sua vez, atrasaria o processo evolutivo dos seres no âmbito individual e coletivo, e portanto, se faz necessário um elemento mediador, que auxilie ambos os extremos a se conciliarem. Ademais, muito dificilmente um extremo se concilia com seu polo oposto sem um estímulo que o incline

para isso; o amor não se unirá com o ódio e vice-versa, sem um bom motivo ou finalidade para que isso ocorra.

No cabalismo, se diz que o conhecimento “é o ponto em que sabedoria e inteligência se encontram” (CAMPANI, 2011, p. 49), ou seja, sabedoria e inteligência são polos opostos, já que “Sabedoria representa o pensamento puramente não verbal, enquanto que Inteligência, o pensamento verbal” (CAMPANI, 2011, p. 49). O conhecimento é a síntese desses dois extremos, seu ponto de encontro, sua finalidade e o motivo que esses dois polos opostos têm para se unirem. Faz-se oportuno observar que, como ficou demonstrado e como pode ser verificado e retificado pela experiência, os dois antagonismos de uma mesma substância precisam gerar um ser que reúna em si as propriedades desses mesmos antagonismos para se conciliarem e se unirem, pois assim, poderão compartilhar e oferecer os mesmos sentimentos para um mesmo ser e poderão usufruir e se deleitar com essa partilha, para assim, fortalecer os laços firmados. Ora, o conhecimento é um conceito independente da sabedoria e da inteligência, mas como ficou demonstrado, é a síntese de ambas e por isso, pode-se dizer que o conhecimento é filho da sabedoria e da inteligência e, da mesma forma, pode-se inferir que todos os demais elementos mediadores de dualidades, também são filhos dos extremos opostos que compõem essas dualidades das quais eles são mediadores. “Na filosofia aristotélica, isso é chamado de ‘causa final’. Para Aristóteles, a causa final, ou seja, a explicação teleológica, é a mais importante na determinação da realidade, pois tudo no mundo acontece para satisfazer uma necessidade” (CAMPANI, 2011, p. 184). Levando em consideração a presente citação e falando em termos aristotélicos, pode-se dizer que o conhecimento é a causa final da substância que contém a sabedoria e a inteligência como polos opostos.

Outro argumento que reforça essa ideia de que os elementos mediadores são filhos dos extremos opostos que compõem uma dualidade é de que, mais uma vez usando o exemplo da sabedoria e da inteligência, no Gênesis, Adão personifica a sabedoria e Eva personifica a inteligência. Ora, no capítulo IV deste livro, se lê: “Adão conheceu a sua mulher Eva e ela concebeu” (A BÍBLIA, 1979, p. 5), disso se deduz que o produto da união do arquétipo da sabedoria (Adão) e do arquétipo da inteligência (Eva), foi a origem do conhecimento pois se diz que Adão “conheceu” Eva.

Vale lembrar também a riqueza de significado contida no símbolo da esfera, pois um “círculo ou ciclo é entendido como algo em que o início e o fim estão conectados, como diz o Sêfer Yetsirá, ‘seu princípio está embutido em seu fim’” (CAMPANI, 2011, p. 239). Com esse argumento, recorda-se a ideia de retorno à origem, à essência, que é tão recorrente nas mais diversas religiões da cultura ocidental e oriental, pois o resultado final obtido por um ente no fim do seu caminho de evolução e aprendizado é, segundo demonstrou-se, o mesmo que ele possuía no início do caminho e é a essa ideia que Raul Seixas faz referência na música Meu Amigo Pedro, no verso que diz “tudo acaba onde começou” (SEIXAS).

Ao relacionar a ideia de ciclo e a ideia de dualidade, verificam-se certos fenômenos do mundo que se encontram, muitas vezes, com um comportamento padronizado pelas dinâmicas da repetição e da circularidade, como nascer e morrer e plantar e colher. A respeito deste último dualismo, destaca-se seu significado metafórico, ou seja, aquele em que se toma o termo plantar no sentido de agir, ou ainda, no sentido de situar-se como sujeito agente de um evento ou experiência; o termo colher, nessa acepção, é tomado no sentido de receber as consequências da própria ação. Nesse ínterim, a dualidade e a circularidade ocorrem quando o sujeito agente colhe determinados frutos, dos quais extrai a semente e as planta, obtendo colheita semelhante à anterior, extraindo novamente as sementes dos mesmos frutos e as plantando e repetindo esse padrão de processo continuamente; para modificar o produto da colheita, deve-se escolher sementes novas para plantar, as quais influenciarão positiva ou negativamente na doçura dos frutos a serem colhidos. Boas ações são boas plantações, que geram frutos doces e más ações são más plantações, que geram frutos amargos, mas até mesmo o amargo é necessário ser provado, para o indivíduo aprender a apreciar os frutos doces e assim, dar valor para as boas ações.

Outro dualismo relevante e válido de ser mencionado pela sua similaridade com o anterior em matéria de circularidade é o dar e receber. No cabalismo, se diz que as primeiras emanções de Deus não suportaram a energia divina, pois somente a recebiam e por isso, se quebraram e, sendo assim, Deus precisou emitir novas emanções, as quais suportaram o influxo da energia de Deus, pois à medida que elas a recebiam, também davam para as emanções subsequentes. Essas emanções se tornaram filhas de Deus e uma das missões designadas a elas, foi a de reunir os fragmentos das emanções primeiras que haviam se quebrado. O comportamento que as emanções filhas de Deus têm, é o mesmo que todo ser humano precisa ter para ser um filho de Deus e desse modo, funcionar como um canal para o fluxo contínuo da energia divina, que é dinâmica, ou seja, está em perpétuo movimento e não admite estagnação ou, em outras palavras, é constantemente afetada pelo dar e receber dos entes que a canalizam. Há os que recebem muito e dão pouco e há os que recebem pouco e dão muito e essa é a causa primordial da desigualdade – nas suas mais diversas formas – entre os homens.

A Lei do Talião também apresenta uma relação dualista entre os atores que dela participam, pois um atinge outro de alguma maneira e o outro atinge o primeiro de maneira semelhante, estabelecendo-se assim, uma rivalidade em que perduram investidas de ambos os lados, os quais se colocam em uma relação antitética recíproca. O grande mestre Jesus Cristo ensinou a humanidade sobre como quebrar esses círculos viciosos que ocorrem nos conflitos entre rivais, ao dizer

Vós tendes ouvido o que se disse: Olho por olho, e dente por dente. Eu porém digo-vos, que não resistais ao que vos fizer mal: mas se alguém te ferir na tua face direita, oferece-lhe também a outra (A BÍBLIA, 1979, p. 872).

Ao aludir à ação de “oferecer a outra face”, Cristo não está expressando a ideia de

que o sujeito deve aceitar impunemente a ofensa recebida nem tampouco incitar maiores injúrias da parte do agressor e sim, que o melhor a ser feito é não devolver o insulto da mesma maneira ou com o mesmo nível de indecência, mas responder de forma sublimada, elegante e em uma perspectiva mais elevada, para que assim, haja a transmutação do estado de coisas presente no conflito.

Um último tópico que é necessário ressaltar a respeito do tema das dualidades e das tríades dialéticas é a relação de conflito entre um antagonismo e outro de cada dualidade, pois

“‘O coração na alma é como um rei em guerra’, representa a alma, a dimensão moral, que está associada à guerra, por essa ser a combinação de aliança e conflito, bem e mal, e ao coração, sede dos sentimentos e das emoções, boas ou más. Os extremos opostos do espaço (os limites $+\infty$ e $-\infty$ de cada dimensão espacial) e do tempo (passado e futuro) não estão em conflito. Isso é diferente com a alma, a dimensão moral, onde os extremos, bem e mal, estão em conflito, como diz o verso: ‘Bem oposto ao mal’” (CAMPANI, 2011, p. 241).

A presente citação ressalta o caráter conflituoso das dualidades que pertencem ao âmbito moral e o caráter aparentemente pacífico das dualidades que pertencem ao âmbito do tempo e do espaço. Isso ocorre porque tempo e espaço são, como diz Kant, intuições “a priori” do sujeito e não manifestam nenhum traço de caráter quando abstraídas do sujeito (KANT), no entanto, na dimensão moral há conflito, porque toda consciência individual tem também uma vontade individual que corresponde a essa consciência, que, quando interage com uma vontade diversa pertencente a outra consciência individual, encontra entraves para a realização dos seus desígnios, pois essa vontade diversa possui desígnios que não são passíveis de coexistir e se conciliar com aquela outra vontade individual, no entanto, a noção de vontade será mais esmiuçada a seguir; importa agora fazer certas considerações sobre os termos tempo e espaço e relacioná-los com o conceito de Deus.

No capítulo I da Crítica da Razão Pura, Kant explica que tempo e espaço são intuições “a priori” do sujeito e que não tem realidade objetiva fora da consciência, mas que são condições de possibilidade para a manifestação de fenômenos empíricos, no sentido de que os mesmos também não tem realidade objetiva quando abstraídos do sujeito e por isso, tempo e espaço são inteligíveis, somente quando apreendidos através dos fenômenos, pois os mesmos somente são passíveis de serem experienciados pelos sentidos, que são os únicos meios pelos quais o ser humano pode recolher os dados da experiência para produzir conhecimento (KANT), como na passagem em que ele descreve certos aspectos do conceito de tempo, explicando que as

“nossas considerações mostram a realidade empírica do tempo, quer dizer, o seu valor objetivo relativamente a todos os objetos que possam oferecer-nos aos nossos sentidos. E como a nossa intuição é sempre sensível, não pode nunca oferecer-nos a nós outros um objeto na experiência, que não seja sujeito às condições do tempo” (KANT).

Ora, Deus não está sujeito às condições do tempo e por isso não é passível de ser experienciado pelos sentidos ou pela intuição.

Apesar de a última afirmação do parágrafo anterior ter sido inferida da citação de Kant a que se fez alusão nesse mesmo parágrafo, o próprio Kant não chegou à mesma conclusão, como fica evidenciado na passagem em que em que ele explica que na

“teologia natural, em que se concebe um objeto que não só não pode ser para nós outros objeto de intuição, nem tampouco o pode ser de nenhuma intuição sensível, distingue-se cuidadosamente de sua própria intuição as condições de espaço e tempo (digo de sua intuição, por que todo o seu conhecimento deve ter este caráter e não o de pensamento, que supõe limites).

Mas com que direito se procede assim, uma vez que se consideram espaço e tempo como formas puras dos objetos em si, e formas tais que subsistiriam como condições ‘a priori’ da existência das coisas, ainda que estas desaparecessem? Se são condições de toda existência em geral, devem ser também da existência de Deus” (KANT).

Aqui, de acordo com os argumentos apresentados até então, a asserção mais coerente é negativa em relação à conclusão de Kant, pois se tempo e espaço “são condições de toda existência em geral”, não se segue que devam ser também da existência de Deus, pois o aspecto mais oculto de Deus é atemporal e está para além da dimensão de tempo abrangida nesta criação; o próprio epíteto comumente atribuído a Deus, ou seja, o de eterno já “indica um domínio fora do *continuum* temporal, além do tempo, onde o tempo não existe, uma eternidade atemporal” (CAMPANI, 2011, p. 69).

No parágrafo anterior, fez-se referência ao aspecto mais oculto de Deus, o qual é oportuno que seja feita uma breve explicação para fundamentar melhor o argumento anteriormente mencionado. Na tradição cabalística, o aspecto mais oculto de Deus é chamado de *Ain Sóf*, acerca do qual, na versão revisada e ampliada do *Sêfer Yetsirá* já referida no presente artigo, se diz que o

“*Ain Sóf* da cabala é Deus em seu aspecto mais profundo e oculto. Aqui, a palavra ‘oculto’ está sendo usada para indicar que *Ain Sóf* é transcendental, desconhecido e incognoscível. Plotino acreditava que o Uno, a hipóstase mais elevada, é inacessível ao conhecimento objetivo e racional pois a razão, em sua busca por conhecer e compreender, ‘abandona a sua unidade’. Os místicos sempre insistiram em uma concepção de Deus como um ‘Não Ser’, uma ‘Não existência’” (CAMPANI, 2011, p. 257).

Na presente citação, o autor usa o epíteto “transcendental” para se referir ao aspecto mais oculto de Deus, termo esse empregado para denotar um ser que está para além dos parâmetros humanos utilizados nesta criação para compreender os fenômenos empíricos; dessas proposições e sentenças, o autor extrai a conclusão de que isso “significa que, se atribuímos à criação a propriedade de ‘ser’, então *Ain Sóf* é ‘Não Ser’. Por outro lado, se a criação é ‘não ser’, então *Ain Sóf* é o ‘Ser em sua plenitude’” (CAMPANI, 2011, p. 257).

Voltando a tratar do conceito de espírito, pode-se fazer referência à vida ativa e

à vida contemplativa, mencionadas na obra *A Nuvem do Não-Saber*; a primeira como sendo a vida voltada a atividades relacionadas a coisas mundanas, terrenas e materiais, em que necessariamente precisamos dispor do corpo para realiza-las e a segunda, voltada a atividades relacionadas a coisas intelectuais, espirituais e imateriais, em que não precisamos necessariamente dispor do corpo para realiza-las. No Evangelho temos os exemplos das irmãs Marta e Maria que simbolizam respectivamente as vidas ativa e contemplativa (ANÔNIMO).

A vida contemplativa é essencialmente espiritual e centrada na atividade do pensamento. O espírito é eterno, por isso, a atividade do pensamento também o é e, portanto, a vida depois da morte é espiritual e semelhante aos nossos pensamentos inconscientes. É por isso também que alguns filósofos ao longo da história, afirmaram que “filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte” (MONTAIGNE) e é nesse sentido que Abdruschin procura advertir quando menciona a principal máxima da sua doutrina, que é “conservai puro o foco dos vossos pensamentos” (ABDRUSCHIN, 2011, p. 52).

Ao destacar a questão de qual atividade o ser humano realiza sem o corpo e que, por isso pode-se dizer que é espiritual e contemplativa por excelência; encontramos o sonho como sendo a atividade que melhor se encaixa nessa descrição. Como diz Thomas Hobbes, “às vezes pensamos nos absurdos dos nossos sonhos, mas nunca nos nossos sonhos, pensamos nos absurdos dos nossos pensamentos em estado de vigília” (HOBBS); isso porque, no ser humano, muitos dos seus pensamentos inconscientes podem parecer belos nos sonhos, mas ao debruçar-se a examiná-los mais atentamente no período de vigília, sob a luz da razão e da consciência, percebe-se que eles não passam de manifestações pueris de um espírito imaturo e ignorante. De fato, o sonho só é manipulável se caso o inconsciente conseguir pensar a respeito dele mesmo, o que é muito difícil, mas quando desperto, o ser humano dispõe de faculdades mentais que o permite observar e controlar o inconsciente sob uma perspectiva externa a ele; essas faculdades mentais a que se fez referência são excelentes ferramentas, de que o ser humano dispõe para evoluir nesse plano, são presentes de Deus dados a este para este fim e já foram citadas neste mesmo parágrafo: são a razão e a consciência.

Ao abordar a questão da vida contemplativa e dos pensamentos conscientes e inconscientes, faz-se oportuno discorrer sobre a vontade, que é a faculdade direcionadora do pensamento e que, como bem lembra Helena Blavátski “a doutrina de Schopenhauer é a de que o universo é apenas a manifestação da vontade” (BLAVÁTSKI). De fato, os cabalistas e os teólogos também defendem esse argumento, pois a maneira com que Deus criou o mundo foi, basicamente, por meio de um ato volitivo, dizendo “Faça-se a luz” (A BÍBLIA, 1999, p. 14), e dando continuidade ao trabalho de criação durante mais seis dias. Esse argumento refuta a tese mecanicista de que Deus é uma força cósmica destituída de consciência, pois se Deus criou o mundo por meio de um ato volitivo, então Ele deve

ter uma consciência, afirmação essa que é reforçada pelos cabalistas com o argumento de que para criar uma criatura com consciência (o ser humano), o criador deve ter uma consciência também pois, assim como toda causa ou potência já carrega consigo o efeito ou o ato de modo latente, o efeito ou o ato também deve carregar as características da sua causa ou potência.

Diferentes consciências produzem diferentes níveis de realidade. A consciência de Deus produz a realidade na qual todo o universo está inserido, porquanto é a mais excelente, bela e sublime que existe e devido à Sua vontade, há a manifestação da vida e por isso, deve-se louvar e agradecer. Os grandes profetas, sábios e pensadores que habitaram esse plano ao longo da história, realizaram grandes prodígios no meio da sociedade e da natureza, pois tinham grandes consciências também (no entanto, se comparadas com a consciência de Deus, são tão menores quanto o finito é menor que o infinito), porquanto conheciam certos segredos da grande consciência de Deus.

A vontade no ser humano é manifestada constantemente em todos os pensamentos, todas as ações, gestos e traços de caráter, que indicam preferências e inclinações, que por sua vez, implicam em certas escolhas e decisões que moldam o ser ao longo da vida e o faz progredir ou estagnar no seu processo evolutivo. Por isso, é certo dizer que as ações e os pensamentos do ser humano são produto da sua vontade, mas a linguagem verbal manifesta a vontade do mesmo com mais eficácia, pois “a palavra é expressão da vontade de quem a proferiu e, portanto, ela carrega um poder mágico” (CAMPANI, 2011, p. 52). É certo dizer, portanto que Deus ao criar o universo por meio da palavra, criou o mesmo por um ato puramente volitivo.

Com os seres humanos, a vontade opera de modo semelhante à vontade de Deus, mas em um grau infinitamente menor, pois quantos milhões de anos a mais do que Deus o homem não levaria para fazer a milésima parte do trabalho de criação que Ele fez com sua vontade em seis dias? De fato, somente com sua palavra, Deus operou maravilhas, mas o ser humano, ser inferior, às vezes não consegue nem mesmo fazer algo de bom com uma vida inteira de trabalho duro e sofrimento.

Todos os seres humanos se sentem atraídos para aquilo que lhes falta para alcançar a perfeição e realizar seus objetivos de vida, a essas coisas que lhe falta, o mesmo sente desejo e, quando esse desejo, vêm para a consciência, se torna uma vontade, pois como Kant diz, o desejo é um querer do instinto e a vontade é um querer da razão e esta pode ser autônoma ou heterônoma (KANT). Essa distinção entre dois tipos de querer não é feita pelos cabalistas, hermetistas ou teólogos, que definem a ideia, usando simplesmente o conceito de vontade; no entanto, convém citar Kant para demonstrar que o exercício da vontade é um ato racional e consciente, embora essa definição possa ser colocada em dúvida ao se verificarem empiricamente atos voluntários contrários à razão (HOBBS). De qualquer modo, o objeto da vontade do ser humano é sempre aquilo que exerce atração sobre ele e esse objeto da vontade vêm de encontro ao ser humano eventualmente, por

conta de a estrutura do cosmos se ajustar gradualmente pela ação da vontade, que vai dispondo os elementos e as circunstâncias ideais para que ocorra o encontro desta, com seu objeto, como bem disse Jesus Cristo na passagem do Evangelho de São Mateus, onde se lê: “peçam, e lhes será dado! Procurem, e encontrarão! Batam, e abrirão a porta para vocês (A BÍBLIA 1999, p. 1246)”, em que os verbos “pedir”, “procurar”, e “bater”, denotam atitudes volitivas.

A vontade não é dual, pois é ela que determina qual o objeto da escolha do ser humano no momento do mesmo tomar uma decisão. Nesse ínterim, faz sentido a asserção de Thomas Hobbes, quando ele afirma que “na deliberação, o último apetite ou aversão imediatamente anterior à ação ou à omissão desta é o que se chama vontade” (HOBBS). Certamente ele não concordaria com a definição de vontade em Kant, pois, como ele mesmo afirma, criticando os escolásticos, “se assim fosse não poderia haver atos voluntários contra a razão” (HOBBS).

Os escritos cabalistas vêm de encontro com a tese Hobbesiana e divergem da Kantiana, pois no Sêfer Yetsirá, o conceito de vontade, vêm à frente de todos os outros conceitos, sendo uma substância emanada do próprio Deus, que dela fez uso para criar todas as coisas, sendo respectivamente, as emanações subsequentes, a sabedoria, a inteligência e o conhecimento, como mencionado anteriormente. Um grande número de pensadores e filósofos ao longo da história, argumentaram a respeito da vontade como sendo um conceito racional e consciente, no entanto, o correto, seria usar o raciocínio inverso, ou seja, de que a razão e a consciência são conceitos volitivos, pois é a vontade que vem a frente e que é a causa primeira da razão e da consciência e não o contrário.

Com tudo o que foi discutido a respeito do conceito de vontade até aqui, faz-se oportuno refletir acerca da seguinte citação de Rousseau: “Toda ação livre tem duas causas que concorrem para produzi-la. Uma moral, a saber a vontade que determina o ato; outra, física, a saber, o poder que a executa” (ROSSEAU, 1999, p. 71). Considerando tudo o que foi exposto no presente artigo, deve-se questionar se os argumentos apresentados estão em concordância com a citação referida, pois parece estranho que haja, segundo a perspectiva do conteúdo visto até então, uma causa física que determine uma ação livre. De fato, tal estranheza pode ser eliminada considerando que a causa moral certamente é determinada pela vontade, sobre cujo mistério foi lançado alguma luz, mas a causa física, qual pode ser senão a substância primordial, que é uma das condições de possibilidade de toda e qualquer ação livre? No presente trecho, Rousseau estabelece uma dualidade, traçando de antemão um paralelo entre duas causas que determinam uma ação livre, uma é moral, metafísica e volitiva e a outra é amoral e física. Com efeito, os elementos que determinam as condições de possibilidade dos mais diversos fenômenos do mundo é a matéria informe inserida no tempo e no espaço e informada pela vontade que a determina. Aqui verifica-se uma lacuna no raciocínio, pois nos parágrafos anteriores, demonstrou-se que a vontade é anterior à toda obra da criação, mas como Deus pôde criar algo num local

onde não havia elementos que fornecessem condições de possibilidade para manifestação de fenômenos dos mais diversos gêneros concebidos pelo intelecto humano?

Sabe-se que o tempo e o espaço são obras da criação, então no princípio Deus preenchia todo o espaço no qual transitava e se deslocava somente dentro dos limites de Seu ser. Sabe-se também que Deus não tem causa, sendo “raiz sem raiz, a causa sem causa, o manifestador imanifestado, a origem de todo movimento deste mundo, a despeito de Ele permanecer imóvel” (CAMPANI, 2011, p. 289) e a Sua vontade foi a faculdade cognitiva que primordialmente foi usada para criar todo o universo, e esta vontade, por sua vez, não tem uma causa externa, sendo causada pelo sujeito que opera com ela, ou seja, Deus. Sendo assim, é correto asseverar que a vontade de Deus é uma vontade independente e soberana e a de todos os outros seres é uma vontade dependente e subordinada da vontade de Deus, pois as criaturas dependem do criador para existir, mas o criador não depende das criaturas, como bem expressa Carlos Campani na edição revisada e ampliada do *Sêfer Yetsirá* de sua autoria, na passagem em que se lê:

“Raivad, citado em *The Fundamentals of Jewish Mysticism*, diz que a brasa é a causa da chama e pode existir sem a chama. A chama, por outro lado, não pode existir sem a brasa. Assim, a causa espiritual pode existir sem seus efeitos, mas o contrário não é possível” (CAMPANI, 2011, p. 77,78).

A lacuna no raciocínio, anteriormente mencionada, pode ser satisfatoriamente preenchida, depois de feitas as devidas considerações sobre o conceito de vontade, expondo o conceito cabalístico de *tsimsum* (contração), que defende a tese de que Deus precisa se retirar e se ocultar, para que algo diferente Dele possa ser criado (pois se Deus se fizer presente em tudo simultaneamente, Ele preencherá tudo com sua Essência e não haverá lugar para a individualidade, o livre-arbítrio, o mérito e a recompensa), para então Ele poder imprimir sua forma na substância originada a partir do seu afastamento. Essa ideia está exposta no trecho do Gênesis, que diz “A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo” (A BÍBLIA, 1999, p. 14). Nesse ínterim, também vem à tona a questão do grande amor que Deus tem por suas criaturas, tão grande que o leva, segundo o conceito de *tsimsum*, a ocultar a si próprio para engendrar a criação do universo; ora, o ocultamento de Deus, significa para Ele, o mesmo que um grande sacrifício, pois “Deus é amor” (A BÍBLIA, 1999, p. 1582) e sua dinâmica natural é amar e portanto, ao se ocultar, Deus se abdica da sua atividade mais intrinsecamente essencial e sendo assim, abdica de si mesmo para dar espaço para a manifestação de outros seres.

No início do presente artigo, argumentou-se que Deus é o ser mais puro que existe e, portanto, quanto mais próximo se estiver Dele, mais pureza se obterá e se Ele estivesse presente em sua plenitude e de modo perfeitamente constante no interior da alma humana, poder-se-ia considerar o gênero humano totalmente puro e igual a Deus, mas como isso é muito improvável, pelo menos por enquanto, resta refletir a respeito dos efeitos da sua ausência, pois esta é mais passível de compreensão devido ao estado atual de coisas,

que podemos observar interna e externamente na realidade contemporânea. De fato, os efeitos de sua ausência são o inverso dos efeitos de sua presença, ou seja, impureza, imperfeição, finitude, inconstância, ignorância, trevas, etc. Foram esses mesmos efeitos que se verificaram no princípio, quando “A terra estava sem forma e vazia, as trevas cobriam o abismo” (A BÍBLIA, 1999, p. 14). Ademais, percebe-se uma aparente contradição nessa passagem do Gênesis, pois como poderia a terra estar sem forma e vazia, se as trevas cobriam o abismo? Para efetivar o entendimento desse trecho, conciliando os termos de modo a resolver a aparente contradição, torna-se necessário compreender o que o autor quer dizer com “trevas”, pois o que esse termo significa é ausência de luz e de forma, ou seja, denota o vazio e o caos, que é justamente a descrição oferecida pelo autor para definir o estado de coisas em que se encontrava a Terra na ocasião, ou seja, no princípio. Sendo assim, a contradição é somente aparente, pois dissolve-se com um raciocínio simples.

Essa passagem bíblica também oferece material de reflexão para se pensar a substância primordial, pois segundo o que foi exposto nos dois últimos parágrafos, ela é a matéria indeterminada, informe e impura, que se originou devido ao afastamento intencional de Deus, que por meio dela, deseja realizar os seus designios, purificando-a e inserindo nela uma determinada forma, atualizando assim a potência que nela se encontra latente.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar o presente artigo, é oportuno fazer algumas considerações, para apontar os resultados obtidos a partir da elaboração e da reflexão dos assuntos tratados ao longo do texto.

Primeiramente, foi exposto um conceito teológico e a ele foi relacionado o conceito de espírito. Em seguida, o conceito de ser foi brevemente abordado segundo a perspectiva estoica e depois relacionado com uma passagem de uma das cartas de São Paulo, isso por sua vez, deu ensejo para se iniciar o debate acerca do conceito de dualidade, que foi longamente discutido sob várias perspectivas, analisado sob diversos aspectos e utilizou-se também uma figura para ilustrar e enriquecer a explicação do mesmo e em seguida, a este conceito foi agregado outro, ou seja, o elemento mediador dos extremos opostos da dualidade, que, como resultado dessa soma, obteve-se o conceito de dialética, que também foi discutido com uma fundamentação consistente e ao longo do caminho de exposição do mesmo, encontrou-se os conceitos de espaço e tempo, os quais foram esmiuçados segundo a filosofia Kantiana, comparada com a perspectiva cabalística, que, como resultado desse embate, obteve-se uma certa conclusão. Na sequência, fez-se um resgate do debate acerca do conceito de espírito, o qual serviu de ponte para se iniciar a exposição do conceito de vontade, que era um dos grandes objetivos do presente artigo. Esse conceito foi extensamente discutido até ele vir de encontro com o conceito do princípio físico do mundo material, os quais foram articulados de modo a formar um

argumento coerente e, por fim, foram relacionados com o conceito teológico exposto no início do presente artigo, relação essa que serviu para realizar o fechamento do argumento que se pretendeu construir desde a introdução.

Ao final do caminho percorrido ao longo de todo esse debate metafísico, é preciso não ter a presunção de pensar que o assunto foi esgotado nestas poucas páginas e por isso, a leitura de autores que versam sobre o mesmo tema, argumentando a favor ou contrariamente, se faz necessária para a continuação da construção do edifício do conhecimento, pois não há dúvida de que muitas ideias expostas no presente artigo podem estar equivocadas ou incompletas.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Erechim – Rio Grande do Sul: Edelbra, 1979. 1102 p.

A BÍBLIA, Português. **Bíblia sagrada: Antigo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil. 1702 p.

ABDRUSCHIN, G. **Na Luz da Verdade**. 9. ed. São Paulo: Embu, 2011. Disponível em: <https://cdn.shopify.com/s/files/1/1832/9135/files/naluzdaverdade_vol1.pdf?8620612650600387585>. Acesso em: 05 nov. 2019.

AGOSTINHO, A. **Confissões**. 2007. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/santo_agostinho_-_confissoes.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2019.

ANÔNIMO. **A Nuvem do Não-Saber**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BLAVÁTSKI, H.P. **Ísis sem véu**. Disponível em: <<http://www.revistaartereal.com.br/wp-content/uploads/2014/02/%C3%8DSIS-SEM-VEUS-H-P-Blavatsky.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

CAMPANI, C.A.P. **Fundamentos da Cabala: Sêfer Yetsirá**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2011.

HOBBS, T. **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_thomas_hobbes_leviatan.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2019.

KANT, I. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2007. Disponível em: <https://ufpr.cleveron.com.br/arquivos/ET_434/kant_metafisica_costumes.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2019.

KANT, I. Parte primeira da teoria elementar transcendental. In: _____ (Org.). **Crítica da Razão Pura**. Acrópolis. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/kant/1781/mes/pura.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

KAPLAN, Aryeh. **O Bahir**. Mago, 159 p. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/ns850x8>. Acesso em: 19 de agosto de 2021.

MONTAIGNE, M. De como filosofar é aprender a morrer. In:_____(Org.). **Ensaio**s. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1pdPIEVckt4npGTShl7F7gyNewFR8RqwY/view>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

REALE, G. **História da Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

ROSENROTH, K.V. **A Kabbalah Revelada**. Londres, 1887. Disponível em: <<http://nous.life/Biblioteca/Cabala%20e%20Hermetismo/Knorr%20Von%20Rosenroth/A%20Kabbalah%20Revelada,%20Filosofia%20oculta%20e%20ciencia%20-%20Knorr%20Von%20Rosenroth.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

ROSSEAU, J.J. **O Contrato Social**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em: <<https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/o-contrato-social.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

SEIXAS. **Gitá**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1974. 17 discos sonoros.

SEIXAS. **Meu amigo Pedro**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1976. 17 discos sonoros.

SEIXAS. **Coisas do coração**. São Paulo: Eldorado, 1983. 17 discos sonoros.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte sacra 70, 72, 73, 82

Autoridade 4, 8, 47, 48, 50, 52, 54, 55, 57, 84, 101, 104

B

Bíblia 2, 3, 14, 16, 18, 23, 26, 28, 29, 30, 31, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 57, 60, 62, 63, 64, 69, 88, 89, 94, 96, 104

BNCC 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39

C

Consciência 10, 16, 17, 20, 24, 26, 27, 28, 51, 75, 91

Corinto 47, 48, 49, 50, 53, 55, 56, 57, 58, 87, 96

Cristianismos primitivos 1

Cultura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 23, 36, 39, 42, 48, 52, 53, 54, 56, 58, 67, 72, 81, 84, 103, 106

D

Deus 2, 5, 11, 13, 17, 18, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 89, 94, 95, 103, 104, 105

Diversidade 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 48, 81, 96, 106

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 34, 35, 36, 37, 39, 49, 59, 61, 69, 87, 93, 106, 107

Ensino religioso 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39

Espírito 5, 8, 16, 17, 18, 25, 26, 30, 39, 55, 56, 62, 68, 74, 79, 99

F

Fidelidade 40, 41, 43, 44, 45

H

Hermenêutica bíblica 40, 41, 42, 44, 45

Hibridismo 98, 101, 104

I

Imagem 8, 50, 52, 56, 71, 72, 73, 75, 76, 78

Influência grega 1, 2, 3, 9, 12, 13, 14

Injustiça 64

Interpretação 6, 40, 41, 42, 43, 45, 48, 51, 52, 55, 62, 69, 71, 77, 82, 90, 102, 104

J

Jó 59, 60, 61, 62, 63, 66, 68

M

Mal 18, 24, 59, 60, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 81, 94

Mulher 23, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 67, 89, 90, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

O

Ortodoxia 70, 73, 76

P

Palavra 9, 10, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 50, 54, 55, 57, 60, 65, 72, 74

Palavra encarnada 40, 41, 44

Pedagogia de projetos 33, 36, 37, 39

Pluralidade 1, 41, 43, 44

S

Sofrimento 27, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 94

T

Trindade 70, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 92, 97

TEOLOGIA,

POLÍTICA
&

RELIGIÃO



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



@atenaeditora



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Matthews is called.

Sr. MATTHEW, 9.

Jairus' daughter raised.

1 said within themselves, This man
blasphemeth.
4 And Jesus knowing their thoughts
said, Wherefore think ye evil in your
hearts?
5 For whether is easier, to say, Thy
sins be forgiven thee; or to say,
Arise, and walk?
6 But that ye may know that the
Son of man hath power on earth to
forgive sins, (then saith he to the
sick of the palsy,) Arise, take up thy
bed, and go into thine house.
7 And he arose, and departed to his
house.
8 But when the multitudes saw
it, they marvelled, and glorified
God, which had given such power
unto men.
9 ¶ And as Jesus passed forth
from thence, he saw a man, named
Matthew, sitting at the receipt of
customs; and he saith unto him,
Follow me. And he arose, and fol-
lowed him.
10 ¶ And it came to pass, as
Jesus sat at meat in his house,

30 ¶ And, behold, a woman,
which was diseased with an issue
of blood twelve years, came behind
him, and touched the hem of his
garment:
31 For she said within herself, If
I may but touch his garment, I
shall be whole.
32 But Jesus turned him about,
and when he saw her, he said,
Daughter, be of good comfort; thy
faith hath made thee whole. And
the woman was made whole from
that hour.
22 ¶ And when Jesus came into
the ruler's house, and saw the
minstrels and the people making
a noise,
24 He said unto them, Give
place; for the maid is not dead,
but sleepeth. And they laughed
him to scorn.
25 But when the people were
put forth, he went in, and took
her by the hand, and the maid
arose.
30 And ¶ the fame hereof went

Anno
DOMINI
21.
17.
18.
19.
20.
21.
22.
23.
24.
25.
26.
27.
28.
29.
30.
31.
32.
33.
34.
35.
36.
37.
38.
39.
40.
41.
42.
43.
44.
45.
46.
47.
48.
49.
50.

Christ smiteth out

Sr. MATTHEW, 10.

his twelve apostles.

Anno
DOMINI
21.
17.
18.
19.
20.
21.
22.
23.
24.
25.
26.
27.
28.
29.
30.
31.
32.
33.
34.
35.
36.
37.
38.
39.
40.
41.
42.
43.
44.
45.
46.
47.
48.
49.
50.

CHAPTER 10.
1 Christ smiteth out his twelve apostles,
enduing them with power to do miracles,
to cast their charge, to teach them,
to give forth their names against persecutions;
60 and promitteth a blessing to those that
receive them.
AND ¶ when he had called unto
21 him his twelve disciples, he gave
them power to cast their charge, and to heal
all manner of sicknesses and all man-
ner of diseases.
2 Now the names of the twelve
apostles are these: The first, Simon,
¶ who is called Peter, and Andrew his
brother; James the son of Zebedee,
and John his brother;
3 Philip, and Bartholomew; Tho-
mas, and Matthew the publican;
James the son of Alphaeus, and
Lebbeus, whose surname was Tada-
deus;
4 ¶ Simon the Canaanite, and Judas
of Iscariot, who also betrayed him.
5 These twelve Jesus sent forth,
and commanded them, saying, ¶ Go
ye into all the world, and preach the
gospel to every creature.

17.
18.
19.
20.
21.
22.
23.
24.
25.
26.
27.
28.
29.
30.
31.
32.
33.
34.
35.
36.
37.
38.
39.
40.
41.
42.
43.
44.
45.
46.
47.
48.
49.
50.

18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50

18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50

18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50

18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50

